



JARDINAGEM ACADÊMICA: DO SUAVE PERFUME DAS ROSAS À ESTREITEZA DE SUAS ESPETADELAS

A pós-graduação brasileira emergiu na década de 1930, tributária do Decreto nº 19.851/31, objetivando implantar a investigação científica em todos os campos do conhecimento humano como finalidade do ensino universitário. Em 1951, coube à Lei nº 1.310/51 criar o Conselho Nacional de Pesquisa (CNP), hoje Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Essa instituição assegura a formação de pesquisadores e estudiosos em todas as áreas do conhecimento por meio de programas, auxílios e investimentos. Neste mesmo ano, o Decreto nº 29.741/51 criou a Campanha de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES), precursora da atual Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, com a função de avaliar e financiar a pós-graduação brasileira⁽¹⁾. Destaque-se que, na avaliação dos programas de pós-graduação, a CAPES se apoia em critérios objetivos e subjetivos que são analisados por pares *experts*, oriundos das várias áreas do conhecimento; na natureza meritocrática dos programas e nas políticas vigentes para o desempenho destes programas.

O trabalho do docente universitário, atuante na graduação e na pós-graduação, metaforicamente, assemelha-se àquele do jardineiro: ambos labutam com persistência para oferecer a sociedade os seus melhores produtos e conquistar os espaços que a atividade zelosa deve lhes proporcionar.

Nesse aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, para aprender a ser⁽²⁾, cabe destacar a importância desses quatro pilares da educação e da qualificação necessária para que o docente doutor, inserido na graduação e em programa de pós-graduação, realize o seu trabalho, considerando os passos, caminhos e estradas norteados pelas normas que permeiam o relacionamento intra e extra muros da universidade.

A carreira docente universitária tem por base o ensino, a pesquisa e a extensão. Dessa forma, compete ao docente doutor desenvolver atividades tanto na graduação como na pós-graduação. Essas competências, além de indissociáveis, são o arcabouço que sustenta os quatro pilares da educação acadêmica. Contudo, na práxis, por vezes, o processo é penoso, pois costuma ser marcado por carga horária estressante na graduação, ou na pós-graduação. Cabe, pois, falar das rosas e das espetadelas.

O gosto docente pelo fazer bem feito, com qualidade, motiva o aluno a zelar pelo seu projeto de vida acadêmica e profissional. Dessa comunhão articulada de ideias, valores e crenças, o docente doutor, qual o jardineiro, propulsiona a formação dos botões e o conseqüente desabrochar das rosas, fenômenos que se materializam na gratificação docente de contribuir para a edificação dos sonhos discentes e a concretização dos seus projetos de vida acadêmica e profissional.

Na conjuntura da jardinagem acadêmica, nem tudo são rosas. Existem as espetadelas: o docente doutor leciona componentes articulando preparo de aulas, aulas, atendimento a alunos e avaliação somativa do desempenho discente, norteando-se pela compreensão que a graduação é a base da pós-graduação. Mas, sem pós-graduação, a universidade inexistente. Nesse conhecer, fazer, o ensino, a extensão e a pesquisa são as suas ferramentas destinadas a dar o retorno

que, por direito, a sociedade espera receber das instituições públicas. Em seu grupo de pesquisa, o docente doutor precisa orientar alunos da graduação, em parceria com aqueles da pós-graduação, um requisito básico para que, todos juntos, exercitem a contento os quatro pilares da educação. É preciso orientar os Trabalhos de Conclusão de Curso, a Iniciação Científica, as dissertações de mestrado e as teses de doutorado. Participar das bancas de defesa dos programas de sua instituição e, quando convidado, daquelas alhures. Escrever livros e capítulos de livro. Participar de eventos nacionais e internacionais. A esse fazer, somam-se: buscar aprovação de projeto nos editais para angariar recursos para a universidade em que o docente doutor está locado; tentar, incessante e determinadamente, a publicação de manuscritos em periódicos com Qualis CAPES compatível com a necessidade do programa de pós-graduação de manter ou evoluir o seu conceito quando da avaliação trienal; participar como Consultor Ad Hoc e/ou Membro de Conselho Editorial de periódicos nacionais e/ou internacionais; buscar a internacionalização, por meio de pesquisas em redes de colaboração científica com instituições de renome internacional; motivar os orientandos para a participação em mestrado e/ou doutorado *sandwich* em instituições renomadas, dentre outras atividades possíveis.

Esse labutar, cuidando de rosas e espinhos, impescinde de adequada distribuição da carga horária docente na graduação, de forma que o docente doutor usufrua tempo suficiente e necessário para o bom desempenho de todas as atividades inerentes à pós-graduação. O docente doutor conhece e busca atender os critérios CAPES de credenciamento de professores e programas. Ele sabe que negligenciar esses critérios implica consequências danosas para si e para o programa em que atua.

O leitor deve estar a se perguntar: Se tão penoso é, porque continuar a jardinagem? A provocação carece de resposta: o jardineiro é responsável pelas suas rosas. O tempo gasto com as rosas é que as faz tão importantes. Ah, as rosas... Elas têm o poder de cativar e de se deixar cativar⁽³⁾.

Profa. Dra. Inacia Sátiro Xavier de França
Editora de Seção da Rev Rene

REFERÊNCIAS

1. Cury CRJ. Quadragésimo ano do parecer CFE nº 977/65. Rev Bras Educ. 2005; 30:7-20.
2. Delors J, organizador. Os quatro pilares da educação. In: Educação: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez; 1996. p. 89-102.
3. Saint-exupéry A. O pequeno príncipe. 48ª ed. Rio de Janeiro: Agir; 2000.